

Place-specificity e construção da memória no espaço público

Jorge Catarino

Mestrando em Pintura

Mais do que uma peça de carácter *site-specific*, ou seja, concebida segundo as premissas físicas de um espaço envolvente¹ (em oposição ao ideal modernista de uma obra arte autónoma e auto-suficiente), entendemos o nosso projecto como próximo de uma noção de *place-specificity* que, segundo José Pedro Regatão, "(...) *abrange não só o espaço físico como também um conjunto de elementos ligados à cultura, "história" e "memória" do lugar.*"². Nessa óptica, o Museu Arqueológico do Carmo surge-nos como um lugar particularmente rico, considerando elementos como a sua localização geográfica, a sua valência original de igreja e a actual de museu, sendo esta última condicionada por um enquadramento espacial único propiciado pelas ruínas. Todos estes elementos concorrem para estender o interesse deste espaço muito para além do apelo imediato da sua componente cenográfica.

Entre as cinco tipologias que José Pedro Regatão define para enquadrar as diversas manifestações da arte pública³ entendemos que este projecto se desenrola no campo da subversão de uma concepção clássica de monumento, cujos cânones⁴ promovem uma memória ao serviço da uma ideologia do poder.

1 Ao ponto de o espaço se afirmar como condição para a existência da obra: "*That the site specificity determined that the work would no longer exist if it were moved because it was defined absolutely in terms of its site.*", Douglas Crimp sobre *Tilted Arc*, de Richard Serra, entrevistado por Tom FINKELPEARL, *Dialogues in Public Art*, Cambridge / Londres, The MIT Press, s.d., p.72

2 José Pedro REGATÃO, *Arte Pública e os Novos Desafios das Intervenções no Espaço Urbano*, s.l., Books On Demand, 2010, p. 63

3 Arte Pública de provocação e ruptura com a concepção de monumento; Arte Pública de carácter utilitário; Arte Pública integrada na arquitectura; Arte Pública Efémera; e Arte Pública de intervenção comunitária, Cf., José Pedro REGATÃO, *op. cit.* pp. 81-131

4 A acentuação da verticalidade que, autoritária, esmaga o espectador e cria, entre este e o acontecimento ou personagem representados, uma distância que sacraliza os últimos; a criação de uma memória perene através da utilização de materiais duráveis, como a pedra; o privilégio da representação naturalista, como forma a promover no

Importa, por isso, convocar alguns dados da história e memória deste lugar, despoletadores formais e semânticos do nosso projecto.

O Convento do Carmo, mandado erguer por D. Nuno Álvares Pereira no século XIV e mais tarde cedido à Ordem dos Carmelitas, funcionou originalmente como construção arquitectónica de afirmação religiosa e temporal. A conservação das ruínas, de configuração romântica, torna o lugar, por sua vez, um monumento à memória de um acontecimento que marca a história da cidade de Lisboa, o Terramoto de 1755. Na sua actual função de equipamento cultural, o Museu Arqueológico do Carmo adquire um papel de documento histórico de uma concepção passada de museologia, um «(...) "museu do museu"»⁵. É relevante referir que o conceito de museu foi, na sua génese, previsto como elemento civilizador através do acesso à cultura, o que na prática funcionou como tentativa de transmitir às camadas da população mais desfavorecidas os modelos de comportamento das classes dominantes.

A representação do pombo relaciona-se com a utilização original do lugar do Museu Arqueológico do Carmo como espaço sagrado, e o papel que aquele animal, e outros, assumem na iconografia cristã, enquanto símbolos e modelos de comportamento, em particular na representação do Espírito Santo. Sendo a alma e o espírito, segundo uma perspectiva religiosa, aquilo que "(...) o homem contém de imperecível (...)"⁶, o esqueleto é por oposição a manifestação do perecível, situado entre um último vestígio de vida e a total mudez da inexistência. A imagem do esqueleto de pombo, tendo em conta os seus antecedentes na tradição visual enquanto tradução de qualidades etéreas, surge assim como a marca da mortalidade na representação do Eterno, e ironicamente, daquilo que permanece oculto sob a representação visual do Invisível. A fragmentação e o esqueleto funcionam, por outro lado, como alusão ao carácter de ruína⁷.

espectador a aceitação da visão falsamente homogénea da memória em questão, Cf. José Pedro REGATÃO, *op. cit.* pp. 35-40.

5 Paulo PEREIRA, in AAVV (Coord. ARNAUD, José Morais, FERNANDES, Carla Varela), *Construindo a Memória – As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*, Lisboa, Associação de Arqueólogos Portugueses / Museu Arqueológico do Carmo, 2005, p.39

6 Jean CHEVALIER, Alain GHEERBRANT, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, [s.d.], p. 533

7 A analogia que optámos por explorar, do esqueleto enquanto forma de ruína é, aliás, sugerida por Paulo PEREIRA quando escreve: "(...) o Convento do Carmo, mas muito em especial a sua Igreja, com os arcos pseudo-góticos recortados no céu de Lisboa, é também um monumento ao Terramoto, como que um esqueleto de pedra involuntária, aparentemente esquecido. Uma peça do urbanismo poético da cidade, contendo em si o paradoxo da destruição e da conservação, o sinal da efemeridade. Alegoria do Tempo.", *op. cit.*, p. 39

Ainda que enveredando por uma integração formal com o espaço envolvente (através dos materiais usados), a peça por nós projectada manifesta um carácter anti-monumental, marcada pela horizontalidade, assentando directamente no chão e assumindo uma escala humana. Apesar da caixa que envolve os fragmentos funcionar como uma espécie de moldura, ao mesmo tempo que quebra a distância entre espectador e peça, também o convida a intervir. Estas características são meios que visam possibilitar a manipulação directa da peça por parte do espectador, num acto lúdico que rompe ainda com a norma museológica do “não tocar”. A participação do espectador como interveniente na consumação da peça foi, aliás, uma das nossas preocupações, sem no entanto nos descartarmos a questões que habitam o nosso projecto artístico particular, relacionadas com a representação de animais na sua vertente simbólica e iconográfica, e o apelo sensual decorrente da prática manual da pintura.

A possibilidade de manipulação da imagem confere-lhe ainda uma qualidade efémera pois, ao ser determinada pelo sujeito interveniente, qualquer composição dura apenas até aquele ou um sujeito posterior a decidirem reconfigurar. Ao poder combinar livremente elementos de uma imagem oculta, o espectador é ainda participante de uma fase do processo criativo habitualmente reservada ao artista — a composição. Desta forma, o espectador assume-se não só como criador de sentido, interpretando e fazendo associações através da variedade de imagens possíveis que os fragmentos e a sua qualidade quase abstracta (vistos isoladamente ou em conjunto) assumem, bem como produtor da imagem.

Foi nosso objectivo projectar uma peça segundo uma concepção de *place-specificity*, jogando com a riqueza de dados sensoriais, históricos e simbólicos do lugar para a qual foi concebida, o Museu Arqueológico do Carmo, bem como subvertendo algumas daquelas premissas. Ao convocar o sujeito-espectador, em toda a sua diversidade, para um papel activo de construção da peça, pretendemos ter contribuído para uma relação crítica entre sujeito e lugar, e os elementos que o constituem, de acordo as questões de apropriação e reconfiguração subjectivas do espaço público, nucleares para uma ideia de Arte Pública.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (Coord. ARNAUD, José Morais, FERNANDES, Carla Varela), *Construindo a Memória – As Colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa, Associação de Arqueólogos Portugueses / Museu Arqueológico do Carmo, 2005.
- ARNAUD, José Morais, «O Museu Arqueológico do Carmo: Passado, Presente e Futuro», in *Chiado – Efervescência Urbana, Artística e Literária de um Lugar*, Lisboa, CIEBA/Faculdade de Belas Artes, 2010, pp. 146-158.
- BENNETT, Tony, *The Birth Of The Museum*, Londres, Routledge, [2003].
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Teorema, [s.d.]
- FINKELPEARL, Tom, *Dialogues in Public Art*. Cambridge/Londres, The MIT Press, [s.d.]
- REGATÃO, José Pedro, *Arte Pública e os Novos Desafios das Intervenções no Espaço Urbano*, Books On Demand, s.l., 2010.